

Intersecções: Filosofia e Literatura

Prof. Dr. Heloisa Helena Siqueira Correia¹ (FAI)

Resumo:

Este trabalho reflete sobre a questão das fronteiras entre filosofia e literatura, tendo determinado conjunto de reflexões de Derrida, Foucault e Borges como referencial. A discussão acerca das fronteiras pressupõe que elas existam. No entanto, existem de acordo com quais critérios e demarcações? Derrida indica a pretensão da filosofia em exercer controle sobre si mesma e sobre seu outro e Foucault, por sua vez, aponta para o fato de que a delimitação das fronteiras está a cargo da polícia discursiva de cada disciplina. Borges, também numa perspectiva crítica acerca da suposta rigidez das fronteiras, estabelece equivalências entre invenções da ficção literária e invenções conceituais da filosofia, salientando a fragilidade dos marcos fronteirícios e o entrelaçamento entre o domínio do fantástico e o domínio do metafísico.

Palavras-chave: Borges, Derrida, Foucault, literatura, filosofia

Introdução

Em um texto de Jorge Luis Borges insistentemente trabalhado pela crítica, encontra-se a primeira atestação de movimento das fronteiras dos territórios da filosofia e da literatura. Trata-se do *Epílogo de Otras Inquisiciones*, de 1952, em que o escritor declara haver descoberto duas tendências: “... a estimar las ideas religiosas o filosóficas por su valor estético y aun por lo que encierran de singular y de maravilloso.”² (BORGES, 1993, p. 153) Entre tantas questões subsumidas na pequena citação, está presente o ponto de interrogação acerca dos limites da filosofia e da literatura: Borges trata-as como equivalentes, pois toma como medida o valor estético e o que há nelas de singular e maravilhoso. No entanto, está claro que singular e maravilhoso não são qualidades que se podem atribuir à filosofia sem qualquer polêmica. No que diz respeito à filosofia, principalmente, o universal, em detrimento do singular, é propriedade exigida para uma inumerável gama de conceitos e, quanto ao maravilhoso, a filosofia dá-se o direito e o dever de exilá-lo para o domínio da mitologia, da fabulação e da literatura de um modo geral. Isso posto, intui-se que uma leitura que conte com referências filosóficas não passará por tais linhas borgeanas com conforto; talvez possa seguir adiante, mas sem saber ainda o quanto.

1 As fronteiras e a metáfora sem fronteiras

Preocupado com a questão acerca das fronteiras da filosofia e trabalhando nelas, o pensamento de Jacques Derrida é irreverente. No texto intitulado *Margens da filosofia*, de 1972, o pensador arrisca-se no tema demonstrando a perspectiva egocêntrica e controladora da filosofia no que diz respeito ao limite que a leva, inclusive, a transgredir seu próprio limite (DERRIDA, 1991). Nas palavras de Derrida: “Era necessário que o seu próprio limite [da filosofia] não lhe permanecesse estranho. Apropriou-se portanto do conceito dele, acreditou dominar a margem do seu volume e pensar o seu outro”. (DERRIDA, 1991, p.11). A pretensão de conhecer seu próprio limite demonstra que a filosofia importa-se muitíssimo consigo mesma e esse conhecer, que é também um conhecer-se, implica controlar o que é e o que não é filosófico. A filosofia, por isso, mantém sob controle o limite do outro discurso, seja ele qual for. Então, é imbuída da certeza sobre si mesma que a filosofia controla o Outro? Sem tal controle, a identidade da filosofia estaria, a todo o momento, ameaçada? Será possível ver aí o exagero, a atitude do levar às últimas consequências o poder do conhe-

cimento e do autoconhecimento, além da postura filosófica que, ao construir certezas e conhecimento, obedece ao rigor de regras ditadas apenas pela mesma filosofia?

Jorge Luis Borges não deixa passar despercebido o exagero da ânsia pela certeza; não só o filósofo, mas também o cientista vive à sua mercê. O exagero é ficcionalizado em um breve texto denominado *Del rigor en la ciencia*, publicado em 1960. Nele o escritor faz apontamento sobre a obra *Viajes de varones prudentes* de Suárez Miranda, mencionando certo Império no qual:

*... el Arte de la Cartografía logró tal Perfección que el mapa de una sola Provincia ocupaba toda una Ciudad, y el mapa del imperio, toda una Provincia. Con el tiempo, esos Mapas Desmensurados no satisficieron y los Colegios de Cartógrafos levantaron un Mapa del Imperio, que tenía el tamaño del Imperio y coincidía puntualmente con él.*³ (BORGES, 1993, p. 225)

Metáfora de quantos ideais de certeza, rigor e perfeição almejados pelas ciências e pela filosofia! No instante de sua realização, mapa e território se equivaleriam, como se a realidade pudesse ser suplantada pelo conhecimento por meio de método rigoroso e seguro.

Quando Borges afirma em 1941, no texto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, que em *Tlön* “... la metafísica es una rama de la literatura fantástica”⁴ (1994, p. 436) pode-se considerar que o escritor está, de modo extremamente sintético, retratando as fronteiras entre filosofia e literatura?

Mas em que ponto começa o país filosófico, e onde termina? A discussão acerca das fronteiras pressupõe que elas existam. Existirão de fato? De acordo com critérios e demarcações filosóficos ou extrafilosóficos? Ao demorar-se na fronteira, Derrida descobre sua fragilidade e elasticidade:

Se a filosofia entendeu sempre, pelo seu lado, manter-se em relação com o não-filosófico, mesmo com o anti-filosófico, com as práticas e os saberes, empíricos ou não, que constituem o seu outro, se ela se constitui segundo esse entendimento refletido com o seu exterior, se ela sempre ouviu falar, na mesma língua, dela mesma e de outra coisa, poder-se-á em todo rigor, marcar um lugar não-filosófico, um lugar de exterioridade ou de alteridade a partir do qual se pode ainda tratar *da filosofia*? (DERRIDA, 1991, p. 12-3).

De acordo com a reflexão do pensador, pergunta-se retroativamente sobre a voz que diz: “A metafísica é um ramo da literatura fantástica”. Essa voz outra e literária estará autorizada a reclassificar o estatuto filosófico? Há, nessa voz, o tom prazeroso de uma leitura que acha graça nas pretensões da metafísica em conhecer a totalidade do mundo. Ao que parece, há, nessa voz, o riso de uma leitura que vê a metafísica como uma construção edificada com a boa intenção de preencher o vazio da existência, nem que para isso seja preciso criar companheiros fantásticos para o solitário homem.

Sem cerimônias, Borges já emite sua opinião a respeito dos pensadores da metafísica e do gênero textual que produzem, em 1932, em certo comentário da obra *After Death* de Leslie A. Weatherhead:

*Yo he compilado alguna vez una antología de la literatura fantástica. Admito que esa obra es de las poquísimas que un segundo Noe debería salvar de un segundo diluvio, pero delato la culpable omisión de los insospechados y mayores maestros del género: Parménides, Platón, Juan Escoto Erígena, Alberto Magno, Spinoza, Leibniz, Kant, Francis Bradley*⁵ (BORGES, 1994, p. 280).

Borges refere-se a uma obra ainda por fazer, sem dúvida, mas cujo projeto faz adivinhar a reinvenção da história da literatura e da história da filosofia.

Aceitando nosso tempo, estamos impossibilitados de ler a *Odisséia* com a mesma disposição para acreditar que os gregos provavelmente possuíam ao narrar e ouvir as histórias que ela preserva. Aceitando nosso tempo, não podemos ler os textos dos filósofos da metafísica munidos da mesma tranquilidade e certeza intelectual com que foram seriamente produzidos e discutidos em seu res-

pectivo momento histórico. Borges sugere que, muito possivelmente, podemos lê-los como leitores de textos fantásticos. A possibilidade de realização de tal sugestão pode provocar o aparecimento de um novo gênero literário ou de uma nova filosofia? Em que medida a sugestão borgeana se torna possível? Ainda nas palavras de Borges, pronunciadas em 1932:

En efecto, ¿qué son los prodigios de Wells o de Edgar Allan Poe – una flor que nos llega del porvenir, un muerto sometido a la hipnosis – confrontados con la invención de Dios, con la teoría laboriosa de un ser que de algún modo es tres y que solitariamente perdura fuera del tiempo? Qué es la piedra bezoar ante la armonía preestablecida, quién es el unicornio ante la Trinidad, quién es Lucio Apuleyo ante los multiplicadores de Buddhas del Gran Vehículo, qué son todas las noches de Shahrazad junto a un argumento de Berkeley? He venerado la gradual invención de Dios; también el Infierno y el Cielo (una remuneración inmortal, un castigo inmortal) son admirables y curiosos designios de la imaginación de los hombres⁶ (BORGES, 1994, p. 280-1).

Vê-se acima o tratamento igualitário dado à metafísica, filosofia, teologia e literatura ocidentais, e também à filosofia e à literatura orientais. E o mais engenhoso, mas também mais inusitado: os motivos escolhidos por Borges para provocar a aproximação entre literatura e os seus mencionados “outros”. Borges estabelece equivalências entre invenções da ficção literária e invenções conceituais da filosofia e da teologia. E, ao final, vê-se que a imaginação é facultada universalmente aos homens.

Em texto de reflexão sobre a dublagem, também de 1932, Borges afirma:

Los griegos engendraron la quimera, monstruo con cabeza de león, con cabeza de drágon, con cabeza de cabra; los teólogos del siglo II, la Trinidad, en la que inextricablemente se articulan el Padre, el Hijo y el Espíritu; los zoólogos chinos, el ti-yiang, pájaro sobrenatural y bermejo, provisto de seis patas y de cuatro alas, pero sin cara ni ojos; los geómetras del siglo XIX, el hipercubo, figura de cuatro dimensiones, que encierra un número infinito de cubos y que está limitada por ocho cubos y por veinticuatro cuadrados⁷ (BORGES, 1994, p. 283-4).

Facilmente se percebe que a natureza da monstruosidade acerca da qual o escritor se dedica a refletir no texto *Sobre el doblage* é identificada em variadas instâncias da cultura. Essa presença torna elástica a fronteira colocada entre mitologia, teologia, zoologia e geometria. Borges menciona a quimera e o *ty-yiang*, ambos de monstruosidade evidente, a trindade, nunca encarada como monstruosa pelos fiéis, mas sim de modo reverente, e o hipercubo, até então de realidade apenas lógica e, portanto, abstrata, para explicitar a presença do monstruoso em variados ramos da cultura, em detrimento dos possíveis regulamentos em torno das fronteiras.

Em 1957, Borges compõe um conjunto de animais fantásticos na obra *Manual de zoología fantástica*. Especificamente relacionados à tradição filosófica apresenta dois em especial, denominados *Los animales metafísicos*, imaginados respectivamente nos séculos XVIII e XIX. A primeira criatura dessa zoologia fantástica é a estátua sensível de Condillac e a segunda o animal hipotético de Lotze. Ambas as criaturas, segundo Borges, foram suscitadas pelo problema da origem das idéias (BORGES, 1990, p. 18-9).

A consideração de que o homem hipotético de Condillac e o animal hipotético de Lotze são animais metafísicos parece denunciar o paradoxo da existência humana, já que o homem extrapola a realidade quando, ao tentar conhecer a si mesmo, classifica a si mesmo e a outras espécies: classificar os animais como metafísicos fragiliza as fronteiras entre a existência natural e a metafísica. Ainda é a questão das fronteiras que se aborda, embora de uma outra perspectiva. Desse modo, Borges novamente salienta o entrelaçamento entre o domínio do fantástico e o domínio do metafísico.

É com o mesmo espírito de abertura de Borges, reconhecível desde a década de 30, que o estudioso da literatura, Gass, em 1971, dedica-se a pensar as relações fronteiriças entre a filosofia e a forma da ficção. Em suas palavras:

A Filosofia tem muito de ficção. Sonhos, dúvidas, temores, ambições, êxtases... Se a Filosofia fosse uma torrente, eles a povoariam como peixes. Embora a ficção, em sua composição, seja pura filosofia, nenhum romancista criou um herói mais pomposo do que o simpático Absoluto... [...] Quem escreveu mais sobre a servidão humana – *Of Human Bondage* – ou meditou mais musicalmente sobre as afeições da vida, ou insistiu ternamente nos princípios de sua própria reflexão? Não é divertido ouvir que o ‘desejo e a busca do todo chama-se amor’? E se nos quisermos tornar críticos, poderemos observar que o recurso de Descartes a uma glândula na cabeça, para explicar nossas relações com nós mesmos, é um simples logro da imaginação, e que para os filósofos, Deus está sempre em sua Máquina, saltando sobre fios como Peter Pan. (GASS, 1971, p. 17)

As palavras de Gass sugerem certo tom irônico: ao se respeitar a história da filosofia como história do pensamento, a partir da obra dos filósofos e não de suas vidas, como se pode afirmar que a filosofia tenha sonhos, temores, ambições e êxtases? E pensando formas afins à ficção e à filosofia, o estudioso toma o **Absoluto** como herói, a **glândula pineal** como fruto da imaginação e **Deus** como operador da máquina; uma criança eterna que se diverte como *Peter Pan*. Embora sua crítica mais aguda se dirija à filosofia, Gass não deixa de pensar que literatura e filosofia são “consanguíneas e parecidas como duas irmãs” (1971, p. 18). Filósofos e literatos inventam personagens da filosofia: homem, natureza, alma e personagens da literatura: casos singulares, como Madame Bovary (1971, p. 18).

Referindo-se diretamente às invenções borgeanas, Gass compara os monstros coletados pelo escritor argentino em *Manual de zoología fantástica* (1957) e o monstro, segundo o crítico, “muito mais irresistível”, inventado por Borges em 1941: a biblioteca de Babel: “É nessa biblioteca que vivemos; é nessa biblioteca que dormimos; nossas confusões não alteram mais as partes dos animais, levam nosso conhecimento na direção de uma culminância da ilusão...” (GASS, 1971, p. 126) Quem se dedica a ler, pesquisar, fazer ciência e investigar entende palavra por palavra o que está sendo dito. Textos multiplicados ao infinito por meio de estudos comentados, releituras que se sobrepõem a leituras, interpretações que digladiam ferozmente, textos cuja leitura pode preparar infinitamente a leitura do texto especial ou intrincado. Caminhos labirínticos do saber que, além de tortuosos, percorre-se solitariamente e no perigo da escuridão. Nele pululam referências que se perdem e mitos que se renovam, utopias que se perseguem e textos devorados por fogueiras assassinas.

Tudo isso talvez seja monstruoso, perturbador da ordem, da clareza e da luminosidade que o conhecimento deveria proporcionar e, ao mesmo tempo, é o que se constitui em guardião do conhecimento. Sem a monstruosidade, sem que sejamos interpelados ou atormentados por tantos desfazeres, não haverá conhecimento. E o que há fora de tal biblioteca? Seu aparente exterior ainda é ela mesma. Afirma Borges em 1941: “*El universo (que otros llaman la Biblioteca)*...”⁸ (BORGES, 1994, p. 465).

Nossa vida diária, nossa cotidiana leitura dos acontecimentos do mundo, nosso senso-comum, nossas pequenas e contínuas crônicas e nossos diálogos parecem estar, igualmente, tingidos pela monstruosidade labiríntica da biblioteca. Embora a biblioteca de Babel inventada por Borges habite o interior de um texto que se apresenta como literatura e pretende abarcar a vida comum dos homens, não poderá habitar também o interior da filosofia? Tal invenção e sua monstruosidade mantêm-se nos limites do discurso da vida e da literatura? Conseguirá a filosofia manter-se a salvo da tentacular biblioteca borgeana?

A partir dos anos 50, com as versões dos textos de Borges para o francês, o recebimento do Prêmio Internacional dos editores em 1961, bem como a publicação de um volume coletivo por L.

Herne, dedicado tão somente a Borges, em 1964, sua obra passa a ser respeitada em vários países do mundo, e o hibridismo de seus textos passa a ser reconhecido como cânone para os que lêem e fazem determinado tipo de literatura. O crítico uruguaio Emir Rodrigues Monegal enfatiza a esse respeito: “Entre 1951 e 1970..., o destino de Borges na França, e no resto do mundo ocidental, alcançou proporções inesperadas” (MONEGAL, 1980, p. 19). E, a seguir, o mesmo crítico faz notar que a obra borgeana toca corpos de produções de várias áreas, inclusive da filosofia. Cada um desses corpos, lado a lado, aparentemente dispõe-se nos hexágonos da biblioteca de Babel.

Em contrapartida, é importante lembrar o controle exercido pela polícia discursiva, apontado por Foucault em *A ordem do discurso*, texto de 1970. E também aquilo que deve ser deixado de fora de cada área do saber pensada como disciplina:

No interior de seus limites, cada disciplina reconhece proposições verdadeiras e falsas; mas ela repele, para fora de suas margens, toda uma teratologia do saber.

O exterior de uma ciência é mais e menos povoado do que se crê: certamente, há a experiência imediata, os temas imaginários que carregam e reconduzem sem cessar crenças sem memória; mas, talvez, não haja erros em sentido estrito, porque o erro só pode surgir e ser decidido no interior de uma prática definida; em contrapartida, rondam monstros cuja forma muda com a história do saber (FOUCAULT, 1998, p. 33).

Não há dúvidas quanto ao controle que as disciplinas exercem sobre suas fronteiras, sobre o que deve se manter de fora ou o que tem licença para entrar e sair, etc. O que não é digno da disciplina em questão ou não está de acordo com o que cada saber compreende como medida, então é desmedida, representa perigo e selvageria. Mas, como já percebemos ao pensar junto com Derrida, a fronteira demarcada pela filosofia é frágil exatamente na medida em que o faz somente a partir de seu próprio ponto de vista. Tal fragilidade sugere que a filosofia acaba por permitir que o monstro Biblioteca de Babel insira-a no interior de suas estantes. Se a filosofia também ceder à força de atração da Biblioteca de Babel, sua tradição passa a se avizinhar e se misturar com a tradição da literatura. John Updike, em 1965, salienta em relação à Biblioteca de Babel: “*Este monstruoso y cómico modelo del universo contiene toda la gama de escuelas filosóficas- idealismo, misticismo, nihilismo.*”⁹(UPDIKE, 1987, p. 167) o que, de novo, aponta para a percepção da afinação de literatura e filosofia em um mesmo espaço.

Borges, por sua vez, parece perceber que o problema das fronteiras se irmana com outro problema, desta vez interior, presente no âmbito de cada disciplina e da própria vida: trata-se da presença de falhas no terreno, solo, território que apóiam e sustentam a arquitetura de nossas explicações de mundo. Em 1932, em texto intitulado *Avatares de la tortuga*, afirma que nós sonhamos o mundo: “*Lo hemos soñado resistente, misterioso, visible, ubicuo en el espacio y firme en el tiempo; pero hemos consentido en su arquitectura tenues y eternos intersticios de sinrazón para saber que es falso*”¹⁰. (BORGES, 1994, p. 258). Temos aceitado *intersticios de sinrazón* porque não podemos suplantiar esses vãos na arquitetura projetada e executada pela biblioteca de nossas ciências, filosofia, teologia, literatura, ou ainda nas prosaicas explicações criadas pelo nosso senso-comum. Nossa cultura esbarra com o que lhe escapa a todo momento. Essa é uma forma de nossa finitude. E há ainda algo a sublinhar: tais *intersticios de sinrazón* parecem localizar-se tanto fora como dentro das disciplinas ou exatamente em suas fronteiras. Inclusive nas fronteiras da filosofia.

O que escapa, o desconhecido, o mais distante, o vão, a falha, isto é, o *intersticio de sinrazón*, é sentido tantas vezes como próximo, íntimo, interior ao campo do conhecimento em que o homem supõe estar. Em texto de juventude datado de 1873 e intitulado *Sobre verdad y mentira en sentido extramoral*, o filósofo Friedrich Nietzsche referia-se ao homem como aquele que, na indiferença de seu não-saber, repousa sobre o dorso de um tigre (NIETZSCHE, 1996, p. 20). Quase sempre o homem nem sequer sabe que não sabe; sua consciência está trancada, aprisionada pelo orgulho e pela vaidade. Segundo Nietzsche:

¿ Acaso no le oculta [ao homem] la naturaleza la mayor parte de las cosas, incluso su propio cuerpo, de modo que, al margen de las circunvoluciones de sus intestinos, del rápido flujo de su circulación sanguínea, de las complejas vibraciones de sus fibras, quede desterrado y enredado en una conciencia soberbia e ilusa? Ella ha tirado la llave, y ¡ ay de la funesta curiosidad que pudiese mirar hacia fuera a través de una hendidura del cuarto de la conciencia y vislumbrase entonces que el hombre descansa sobre la crueldad, la codicia, la insaciabilidad, el asesinato, en la indiferencia de su ignorancia y, por así decirlo, pendiente en sus sueños del lomo de un tigre! ¹¹(NIETZSCHE, 1996, p. 19-20).

É possível ler a metáfora “*lomo de un tigre*”, de 1873, como semelhante ao que Borges, em 1932, chama *intersticio de sinrazón*? Em ambos os elementos percebe-se o não controle, aplacado pela ignorância do homem, ou, em um outro sentido, aplacado pelos conceitos da ciência ou pela edificação de leis. Segundo Nietzsche, “*Todo concepto se forma por equiparación de casos no iguales*” ¹²(1996, p. 23). E Borges afirma: “*El idioma es un ordenamiento eficaz de esa enigmática abundancia del mundo*” ¹³(Borges, 1925, p. 65).

Se o terreno de cada disciplina ou área do saber conta com falhas, vãos e lacunas que são aparentemente absorvidos por nossas ciências e linguagem, para além das fronteiras permanece, ao menos temporariamente, o que é explicitamente afastado ou excluído. Nesse sentido, as fronteiras são a constituição de um muro de proteção para o homem e seu pensamento, já que procuram deixar de fora o desconhecido. Quer se trate de um não-saber que convive com o homem ou que foi distanciado dele, o desconhecido, ao que parece, pode ser compreendido como algo que desempenha o mesmo papel daquele elemento que Nietzsche chama *lomo de un tigre*, e Borges denomina *intersticio de sinrazón*. E, refletindo acerca das palavras de Nietzsche acima citadas, o *intersticio de sinrazón* pode estar, também, dentro do próprio homem, na medida em que este homem não conhece a si mesmo.

Quando e como, afinal, o homem estará na posse total de si mesmo? Como incluir em si mesmo o não pensamento, o *intersticio de sinrazón*, sem deixar de ser? O homem também é sua exterioridade? O que está ao lado do homem? O que está dentro do homem? O impensado? Esse novo retrato não tem sombra, mas apenas jogos de luzes?

No Prefácio da obra intitulada *As palavras e as coisas*, Foucault ensaia a nova paisagem heteroclítica dos saberes. Inevitavelmente encontra-se o homem no novo quadro, mas saberá disso? Poderá ele saber qual é o seu novo lugar? Dentro do homem, ao redor dele e dos saberes que produz, ignorando o conhecimento e as fronteiras, existe então o impensado, o **interstício**.

Foucault, ao mencionar o texto borgeano, denuncia o mal estar provocado por sua leitura, a percepção de que o lugar comum das coisas fôra arruinado, já que a arbitrariedade da série alfabética utilizada na classificação não garante parentesco, similaridade ou afinidade alguma entre as coisas (FOUCAULT, 1987).

Refletindo a partir de tal pensamento de Foucault, percebe-se que, em se tratando de tentar compreender o lugar do homem na paisagem dos saberes, há que se atentar para uma taxonomia em movimento na obra borgeana. Ao afirmar em 1941 que a “... metafísica é um ramo da literatura fantástica”, Borges reclassifica parte do universo do saber e descobre temporariamente um espaço do território de saberes, mostra o *intersticio de sinrazón* sem máscaras, sem arquiteturas, sem preenchimento, ao mesmo tempo em que provoca, nesse espaço vazio, o vazamento da metafísica, desta vez acompanhada da literatura - o que faz de novo pensar que a cultura apenas tenta aproximar homem e mundo, de modo a tornar o último um lugar seguro para viver. Borges desvela a insegurança de tal projeto e a inutilidade das fronteiras, já que o desconhecer, o *intersticio de sinrazón*, participa do mundo humano do mesmo modo que participa do território que nem sequer chega a ser pensado pelo homem, além de, como já mencionado, as fronteiras contarem com uma estrutura frágil e transitória.

Conclusão

O espaço do interstício, o que foi deixado temporariamente descoberto, pode, então, ser pensado como um ponto aberto da linha demarcatória das fronteiras entre filosofia e literatura e, por isso, lança-se uma idéia: ele também não estaria exercendo o papel de ponte e passagem que se faz por um modo metafórico de pensar e estabelecer relações? Se o interstício jamais é solo fixo, é, antes, o buraco, a cova, a erosão, o túnel, de acordo com a perspectiva adotada nesta reflexão, indica-se que, com a metáfora, Borges transita livremente de um domínio a outro do saber e do discurso através dos interstícios. E a metáfora, ao supor em si o desconhecido, tal como o interstício, poderá se localizar no interior, no exterior, ou exatamente nas supostas linhas fronteiriças. A princípio, a idéia segundo a qual Borges transita por meio da metáfora é fortalecida dado o caráter de transporte, trânsito, deslocamento, transposição, troca e substituição que imprime vida à metáfora, e devido à trans-existência do tropo. Presente em todos os domínios e saberes, a terra da metáfora é a linguagem. Tal como está presente de modo confortável no âmbito da literatura, percebe-se que a metáfora também se sente à vontade nas terras da metafísica, apesar da filosofia, na figura da tradição de vários filósofos, como Aristóteles e Locke, esforçar-se - o que não quer dizer que tenha êxito - por expulsá-la para o suposto exterior da filosofia. Em um mundo de fronteiras elásticas e plásticas, Borges revela que a metáfora conduz a filosofia, no que diz respeito à metafísica, para o anteriormente suposto território da literatura. Em outras palavras, a metáfora transitando pelos interstícios põe em movimento os territórios que correspondem à filosofia e à literatura. E faz retornar a questão: será possível pensar em uma metafísica fantástica, gênero híbrido, misto de conceitos metafísicos e ficção borgeana?

Referências Bibliográficas

- [1] BORGES, Jorge Luis. *Inquisiciones*. Buenos Aires: Proa, 1925.
- [2] _____. O livro dos seres imaginários. São Paulo: Globo, 1989.
- [3] _____. *Manual de Zoología Fantástica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- [4] _____. *Obras Completas: 1952-72*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1993. v.2.
- [5] _____. *Obras Completas: 1923-49*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1994. v.1.
- [6] _____. *Obras Completas: 1923-1949*. São Paulo: Editora Globo, 1999.
- [7] _____. *Obras Completas: 1952-1972*. São Paulo: Editora Globo, 1999a.
- [8] _____. *Obras Completas: 1975-1985*. São Paulo: Editora Globo, 1999b.
- [9] DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Tradução Joaquim Torres Costa, Antonio M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991. 373p.
- [10] FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998. 79p.
- [11] GASS, W.H. *A ficção e as imagens da vida*. Tradução Edilson Alkmim Cunha. São Paulo: Cultrix, 1971. 254p.
- [12] MONEGAL, E. R. *Borges: uma poética da leitura*. Tradução Irlemar Chiampi. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980. 187p.
- [13] NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. In: _____. *Obras incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 29-38. v. 1 (Os Pensadores)

- [14] _____. *Sobre verdad y mentira en sentido extramoral*. Tradução de Luis M. L. Valdés e Teresa Orduña. 3.ed. Madrid: Editorial Tecnos. 1996. p. 9-19. (Original alemão)
- [15] UPDIKE, John. El autor bibliotecário. In: ALAZRAKI, Jaime (Org.) *Jorge Luis Borges*. Madrid: Taurus, 1987. p.152-169.

¹ **Autora**

Heloisa Helena Siqueira CORREIA (Profa. Dra.)
Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)
heloisahelenah2@hotmail.com

- ² “... para estimar as idéias religiosas ou filosóficas por seu valor estético e até pelo que encerram de singular e de maravilhoso.” (BORGES, 1999a, p. 171).
- ³ ... a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmesurados não foram satisfatórios e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. (BORGES, 1999a, p. 247)
- ⁴ “... a metafísica é um ramo da literatura fantástica”. (BORGES, 1999, p. 481)
- ⁵ Compilei certa vez uma antologia da literatura fantástica. Admito que essa obra é uma das pouquíssimas que um segundo Noé deveria salvar de um segundo dilúvio, mas confesso a condenável omissão dos insuspeitos e maiores mestres do gênero: Parmênides, Platão, João Escoto Erígena, Alberto Magno, Spinoza, Leibniz, Kant e Francis Bradley. (BORGES, 1999, p. 303)
- ⁶ De fato, o que são os prodígios de Wells ou de Edgar Allan Poe – uma flor que nos chega do futuro, um morto submetido à hipnose – confrontados com a invenção de Deus, com a teoria laboriosa de um ser que de algum modo é três e que solitariamente perdura *fora do tempo*? O que é a pedra bezoar diante da harmonia preestabelecida, quem é o unicórnio diante da Trindade, quem é Lúcio Apuleio diante dos multiplicadores de Budas do Grande Veículo, o que são todas as noites de Sherazade perto de um argumento de Berkeley? Venerei a gradual invenção de Deus; também o Inferno e o Céu (uma recompensa imortal, um castigo imortal) são admiráveis e curiosos desígnios da imaginação dos homens. (BORGES, 1999, p. 304)
- ⁷ Os gregos engendraram a quimera, monstro com cabeça de leão, com cabeça de dragão, com cabeça de cabra; os teólogos do século II, a Trindade, na qual inextricavelmente se articulam o Pai, o Filho e o Espírito; os zoólogos chineses, o *ti-yiang*, pássaro sobrenatural e vermelho, dotado de seis patas e quatro asas, mas sem cara nem olhos; os geômetras do século XIX, o hipercubo, figura de quatro dimensões, que encerra um número infinito de cubos e que está limitada por oito cubos e por vinte e quatro quadrados. (BORGES, 1999, p. 307)
- ⁸ “O universo (que outros chamam a Biblioteca)...” (BORGES, 1999, p.516)
- ⁹ “Este monstruoso e cômico modelo do universo contém toda a gama de escolas filosóficas – idealismo, misticismo, niilismo” (Tradução do autor).
- ¹⁰ “Nós o sonhamos resistente, misterioso, visível, ubíquo no espaço e firme no tempo; mas aceitamos em sua arquitetura tênues e eternos interstícios de desrazão para saber que é falso.” (BORGES, 1999, p. 278)
- ¹¹ Não lhe cala [ao homem] a natureza quase tudo, mesmo sobre seu corpo, para mantê-lo à parte das circunvoluções dos intestinos, do fluxo rápido das correntes sanguíneas, das intrincadas vibrações das fibras, exilado e trancado em uma consciência orgulhosa, charlatã! Ela atirou fora a chave: e aí da fatal curiosidade que através de uma fresta foi capaz de sair uma vez do cubículo da consciência e olhar para baixo, e agora pressentiu que sobre o implacável, o ávido, o insaciável, o assassino, repousa o homem, na indiferença de seu não-saber, e como que pendente em sonhos sobre o dorso de um tigre. (NIETZSCHE, 1987, p. 30).
- ¹² “Todo conceito nasce por igualação do não-igual.” (NIETZSCHE, 1987, p. 32)
- ¹³ “O idioma é uma organização dessa enigmática abundância do mundo” (Tradução do autor)